



GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão; 1985.

HARVEY, David. Condição pós-moderna; cap. 3; 1992.

A proposta de análise dessa resenha se baseia na comparação das narrativas de David Harvey e Mark Granovetter, especialmente sobre suas obras em relação ao pós-modernismo e seus tópicos em discussão, como o mercado e os inseridos que fazem parte desse contexto, bem como qual o rumo da pós-modernidade no tocante a esses indivíduos.

No livro “Condição Pós-moderna”, de David Harvey (1992), há um capítulo destinado ao aprofundamento da discussão. A ideia é justamente a retomada do tópico em meio a conflitos de opiniões e posicionamentos intrínsecos, e que, segundo o autor, não mais pode ser ignorado.

Esse trabalho se localiza nos anos 70 e 80 e abarca o que dentro desse período passou por mudança, como aspectos culturais, políticos e socioeconômicos. Harvey não tem a intenção de afirmar uma “mudança global de paradigma”¹ sobre esses aspectos, mas afirma que é inegável a “mutação na sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas”² próprias do período pós-moderno que o diferencia do período anterior, principalmente sobre seus “pressupostos, experiências e proposições do de um período precedente.”

Nesse sentido, faz algumas proposições sobre seu surgimento. A tentativa é identificar se o pós-modernismo tem sua origem como dissidência ou com o caráter de apaziguador do período antecessor. Desse modo, ressalta algumas possibilidades: se o objeto de estudo é uma quebra de continuidade em relação ao modernismo ou uma revolta em si como resistência ao “alto modernismo”³ (para o melhor entendimento ele faz uso de algumas obras artísticas da arquitetura e da pintura expressionista, classificando-as como “superfícies vazias”⁴). Pontua, ainda, sobre a possibilidade de que o conceito tenha características revolucionárias, vista a sua oposição às metanarrativas –

¹ Harvey, 1992

² Idem

³ Idem

⁴ Idem

como é o Marxismo – e que passa a levar em conta os discursos, até então, suprimidos em alguma instância: mulheres, gays, negros e outros.

Estabelece como meta detalhar com riqueza as contradições do objeto de estudo. São elas: **tendências, afastamento entre significante e significado, exame das macronarrativas e a fragmentação da personalidade**. Para essa análise, o objetivo é explicar pormenorizadamente as duas últimas.

Inicia analisando a **aceitação do fragmentário e do caótico, que a corrente [pós-modernista] de pensamento não faz oposição a isso e, de modo contrário, faz uso como se “fosse tudo o que existisse”⁵**. Desse modo, é definidor trazer seu exame sobre os autores Foucault e Lyotard, ambos responsáveis por **deslegitimar as metanarrativas como estabelecedoras e simbólicas de conexão e representatividade para todas as coisas**, as quais tem por fim a pretensão de uma **história universalista**. Condenam, Foucault e Lyotard, **(quem condena? O autor ou Foucault e Lyotard?) também a produção de Marx e Freud que tem caráter totalizante e que definem o pós-moderno como momento de “incredulidade diante das metanarrativas”⁶**. Dá destaque à produção marxista e como foi elaborada a argumentação sobre trabalho e capital, por exemplo, que pode ser combinada de maneiras distintas, seguindo a lógica de adaptação para estar de acordo com os “processos totalizantes do capitalismo.”⁷

Em tempo, o diagnóstico desse ponto acerca da linguagem e uso das formas irá refletir no **sentimento do indivíduo, seja pela formação, aspectos implícitos aos modos de vida, modos interpretativos e de experimentações**. Não obstante, Harvey trabalha – o que ele enquadra como um dos pontos mais problemáticos – com os “pressupostos psicológicos quanto à personalidade, à motivação e ao comportamento”⁸.

Assim, parte para a **comparação personalista com o modernismo, que outrora se enquadrava como alienado e agora como esquizofrênico**. Usando Jamenson e Lacan como exemplo, discorre sobre a **“desordem linguística” como uma descontinuidade de interação dos processos que tangem os significantes e que não se relacionam mais entre si, levando à esquizofrenia**. A despeito, trata

⁵ Harvey, 1992

⁶ Idem

⁷ Idem

⁸ Idem

da construção da “identidade pessoal” em alinhamento com a descontinuidade e como é construída: interpretação da realidade não deixando de ter como pano de fundo o passado e o futuro. Com isso, a não capacidade de enxergar tais aspectos acarreta na inaptidão de unificação para compreender a “nossa própria experiência biográfica” e que esse colapso tem por consequência a redução de experiências em alguns momentos por eles mesmos, sem encadeamento no tempo.

Em Granovetter (1985), com o artigo “Ação econômica e estrutura social: problema da imersão”, apresenta os conceitos de subsocialização e supersocialização, descrevendo-os e criticando o uso pelos estudiosos da área para descrever a relação do indivíduo com o mercado de trabalho.

A subsocialização é caracterizada por uma rejeição do “impacto da estrutura social e das relações sociais sobre a produção, a distribuição e o consumo”⁹, ou seja, em mercados competitivos (mercados de concorrência perfeita) nenhum consumidor ou produtor possui influência significativa para alterar preços ou demandas¹⁰. A concepção de subsocialização prolonga a tradição utilitarista.

A visão supersocializada dos indivíduos em relação ao mercado de trabalho é mais corriqueira aos economistas modernos quando os mesmos tentam descrever as influências sociais no mercado. Essa perspectiva tem como premissa o fato de as pessoas agirem de certa maneira devido ao costume, sendo assim, se sentem na obrigação de operar de um modo específico porque é a atitude correta a ser tomada ou a mais justa. Granovetter elucida que essa interpretação supersocializada é um tanto quanto mecânica já que, ao descobrir a classe social do sujeito ou sua posição no mercado de trabalho, seu comportamento será automático/padrão, tendo em vista que eles são apoiados nos costumes.

Segundo o autor, ambos os conceitos se baseiam numa atomização do indivíduo, contudo, são distintos quanto à forma.

Na abordagem subsocializada, a atomização resulta de uma busca estreitamente utilitarista dos interesses próprios; na supersocializada,

⁹ Granovetter, 1985

¹⁰ Idem

deriva da ideia de que os padrões comportamentais são interiorizados e, portanto, as relações sociais existentes exercem efeitos apenas periféricos sobre os comportamentos. (Granovetter, 1985)

Demonstrando seu ponto de vista acerca da necessidade de imersão, exemplifica com aspectos como problemas de confiança e má fé e o argumento de mercados e hierarquias. De acordo com Granovetter, ao analisar a situação do indivíduo no mercado de trabalho, “seu comportamento sugere menos a aplicação automática de regras culturais e mais uma resposta razoável à situação atual”¹¹, ou seja, questões individuais devem ser levadas em consideração na análise comportamental do indivíduo diante de uma situação no mercado de trabalho, pois questões de ambição, por exemplo, podem influenciar o modo de agir da pessoa.

Em sua conclusão, enfatiza que o exame proposto por ele não leva em conta as circunstâncias históricas e econômicas que induziram o sistema a possuir essas características. Ainda explicita que usa o mercado de trabalho como uma ilustração para a imersão, visto que a mesma pode ser aplicada em diferentes contextos.

Tendo como panorama ambos (Harvey e Granovetter), em uma perspectiva em relação ao pós-modernismo é possível desprender um núcleo de discussão em comum: o indivíduo nesse contexto. Contudo, embora haja a similaridade do objeto de estudo, as perspectivas de cada autor prezam por diferentes fins. O primeiro quer entender as causas formais do período e suas implicações. O segundo, diferente de Harvey, está menos preocupado em entender o momento histórico ou, como enquadra, as “macroestruturas que levaram o sistema a demonstrar as características socioestruturais que possuem”¹², no entanto, está focado em analisar as “causas próximas”, que é a realidade desse indivíduo no momento que se encontra.

A apresentação de Harvey sobre o indivíduo fragmentado como intrínseco ao período, que assume o caótico como característica, encontra correspondência na crítica de Granovetter sobre a supersocialização do mesmo no mercado de trabalho. Essa equivalência encontra vazão tendo em vista que

¹¹ Granovetter, 1985

¹² Harvey, 1992

Granovetter analisa a visão supersocializada como mecânica, ou seja, o sujeito já não é mais detentor de características individuais frente ao seu bom enquadramento na sociedade. Em muito, isso trata de como se dá a adaptação do indivíduo dentro do agrupamento social, dando luz secundária à personalidade, que por hora já não é fundamental para atribuir aspectos individualistas que o caracterize enquanto pessoa.

Seguindo a mesma linha, Harvey – e outros autores de quem faz uso – irá pensar de maneira análoga o indivíduo que não se localiza no transcorrer do passado e do futuro, que vive o presente como único panorama e que tem por consequência a não-construção de sua “identidade pessoal.”

Portanto, Harvey, irá salientar as formas de posicionamento que esse indivíduo tem: “(...) direito de falar por si mesmo, com sua própria voz, e de ter aceita essa voz como autêntica e legítima, é essencial para o pluralismo pós-moderno”¹³ em contraposição à compreensão dos mesmos tópicos na modernidade.

Granovetter, por sua vez, tem por proposta a não-análise de extremos (visão sub e supersocializada) e, sim, busca entender o indivíduo por suas características próprias em meio à sociedade. Usa como exemplo a ambição, pois argumenta que um tomador de decisões dentro de uma empresa, por vezes, não atenderá as expectativas intrínsecas ao conceito de supersocialização. Por fim, da consonância com Harvey resulta tão somente o limite de que o indivíduo tem sua ação legitimada e faz ouvida sua própria voz.



¹³ Harvey, 1992